

José Roberto Nassar* *Guernica-Brasil*

Não valeu o pito de Mantega

Um dos aspectos do efeito chinês — salários ínfimos, produtos baratíssimos —, combinado com a abertura comercial (lampadzinhas de Natal, lantejoulas e confetes agora parecem vir de lá), ajuda a colocar a inflação de joelhos no mundo todo. Em geral, nos EUA, na Ásia, na Europa, os percentuais estão bem-comportados em torno de 1,5% a 3%. Em contrapartida, as economias mostram mais robustez, e o mundo continuará a crescer entre 4% e 4,5% este ano.

Escapam dessa vala comum, algumas economias que são mais emergentes entre as emergentes. Para não falar da China (1,9% de inflação para 10,4% de avanço no PIB), vale lembrar três, todos com economia aquecida e inflação um pouco acima da média: Rússia, com inflação anual de 9,1% e crescimento de 6,5%; Índia exibindo taxas, respectivamente, de 6,3% e 9,2%; e nossa vizinha Argentina, que cresceu 8,7% no ano passado (já pelo terceiro ano consecutivo) registrando uma inflação de 9,8%.

É digno de nota. A Argentina já está saindo do inferno a(u)stral e voltando a figurar na agenda da plutocracia internacional. Na semana passada, dirigentes do grupo Santander fizeram uma pesquisa com 350 grandes investidores que participavam de um encontro por eles promovido (em Acapulco, por sinal). Resposta de americanos, ingleses e assemelhados: bons países para investir na América Latina são, pela ordem, Brasil, México, Chile e ... Argentina. Não é muito, mas não é pouco.

Argentina à parte, e no caso dos preços, o Brasil embarcou nesse tapete voador. Já temos uma inflação de olhos azuis

(3,1%), semelhante à da Inglaterra (3%). Diante de uma meta de 4,5%, a mão férrea do Banco Central (BC) conseguiu sangrá-la em um terço. Há quem pergunte: para que tanto zelo, se ele pode ter tirado até 1 ponto percentual no PIB, que só avançou 2,7% no ano passado?

Agora, o impasse — se é que há impasse entre inflação azul e crescimento cinzento — se renova nas projeções do Copom. De segunda até ontem, a irmandade político-econômica se dividiu. PAC ao fundo, o colegiado deveria cortar 0,50 ponto percentual na Selic ou só 0,25%? Vindas do Planalto/Casa Civil, pressões se tornaram públicas. Até o comedido ministro Mantega sentiu-se estimulado a passar um pito no presidente do Banco Central — “o mercado espera queda maior na Selic, viu Meirelles?” (seus assessores devem ter lido as previsões nesta **Gazeta**).

Mas o BC não se deu por achado. Por temor (excessivo?) da inflação, decidiu cortar só 0,25. Manteve sua autonomia, mas abdicou de ser Federal Reserve por um dia (como se sabe, o Fed decide de olho também na produção e nos empregos, não só na inflação). Para o ministro Mantega, o pito não valeu. Para o presidente Lula, tanto faz. Em Davos, hoje, ele poderá dizer aos ricos do mundo que o Brasil é um país sério, com um BC independente. Se o corte fosse maior, ele também poderia dizer: continuamos a ser um país sério, com baixa pressão inflacionária e um BC que, livremente, é sensível aos reclamos do crescimento. Mas não deu.

* Coordenador Editorial de Finanças
E-mail: jrnassar@gazetamercantil.com.br